

**SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO *MIND-READING*  
À *NARRATOLOGIA*: A PROPOSTA DE UMA  
NARRATOLOGIA COGNITIVA A PARTIR DE  
*A MÃO E A LUYA E DOM CASMURRO*,  
DE MACHADO DE ASSIS**

**ON THE CONTRIBUTION OF *MIND-READING*  
TO *NARRATOLOGY*: THE PROPOSAL FOR A  
COGNITIVE *NARRATOLOGY* BASED ON  
*A Mão e A LUYA AND DOM CASMURRO*,  
BY MACHADO DE ASSIS**

**Pedro Ramos Dolabela Chagas<sup>1</sup>**

**Leonardo Ferreira Almada<sup>2</sup>**

**Maria Fernanda Coca<sup>3</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto de Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003), Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2007), Doutor em Estética e Filosofia da Arte pela UFMG (2010). Foi Visiting Scholar na Universidade Stanford (EUA) entre 2007 e 2008, e Fellow no programa de Arts, Science and Business da Akademie Schloss Solitude (Stuttgart/Alemanha) entre 2009 e 2011. Foi Professor de Teoria Literária da UFMG (2003-2004), da Unipel (2004-2005) e da UESB (2008-2014). Desenvolve projetos de pesquisa sobre a episteme artística moderna, o romance brasileiro do século XX e teoria e história do romance, com ênfase na interface entre narratologia e ciências cognitivas: dolabelachagas@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor Associado IV do Instituto de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia: umamenteconsciente@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Paraná (UFPR): mfcoca2000@gmail.com.

Resumo: O presente artigo se dedica ao estudo do papel dos processos mentais de *mind-reading* à narratologia cognitiva aplicada a partir de uma análise comparativa entre as personagens machadianas Capitu, de *Dom Casmurro* (2021), e Guiomar, de *A mão e a luva* (2021a). Para tal, será usado o conceito de *mind-reading*, conforme desenvolvido por Zunshine (2006). Dessa forma, serão observados nos quatro capítulos selecionados a frequência em que o recurso ao *mind-reading* é usado como interpretante das personagens, bem como a frequência de emprego de adjetivos na caracterização delas, como alternativa ao uso do *mind-reading*. Em seguida, será analisada a frequência com que os *mind-reading* são deixados à abdução do leitor ou são explicitamente comentados pelo narrador. Finalmente, será observado em que medida esses *mind-reading* constituem as personagens com base em convenções gerais ou em traços particulares. Com isso, será verificado que existe uma intensificação da solicitação do leitor no ato comunicativo, isto é, no ato de leitura, no que diz respeito ao estímulo cognitivo. Por fim, o interesse pelo projeto é testar a produtividade das teorias do campo narratológico cognitivo para a análise de textos individuais.

**Palavras-chave:** Narratologia cognitiva; *Mind-reading*; Machado de Assis.

**Abstract:** This paper is dedicated to the study of the role of *mind-reading* mental processes in applied cognitive narratology, based on a comparative analysis between Machado's characters Capitu, from *Dom Casmurro* (2021), and Guiomar, from *A mão e a luva* (2021a). For such, the concept of *mind-reading* will be used as developed by Zunshine (2006). Thus, in the four selected chapters, the frequency in which the use of *mind-reading* is used as an interpreter of the characters will be observed, as well as the frequency of use of adjectives in the characterization of the characters, as an alternative to the use of *mind-reading*; then, the frequency with which the *mind-readings* are left to the reader's abduction or are explicitly commented on by the narrator will be analyzed. Finally, it will be observed to what extent these *mind-readings* constitute the characters based on general conventions or on particular traits. With that, it will be verified that there is an intensification of the reader's request in the communicative act, that is, in the act of reading, with regard to the cognitive stimulus. Finally, the interest in the project is to test the productivity of theories from the cognitive narratological field for the analysis of individual texts.

**Keywords:** Cognitive Narratology; Mind-Reading; Machado de Assis.

## INTRODUÇÃO

Poucos são os estudos publicados sobre narratologia cognitiva no Brasil. Uma parcela minoritária deles se dedica à aplicação da teoria do *mind-reading* à análise da narrativa. Acreditamos que esse quadro não reflete a natureza promissora dessa investigação interdisciplinar, capaz de reunir contemporâneas teorias da literatura, da filosofia e da psicologia. Este artigo busca fomentar sua divulgação; mais precisamente, falaremos do conceito de *mind-reading* conforme desenvolvido por Lisa Zunshine (2006) em *Why We Read Fiction: Theory of Mind and the Novel*, livro responsável pelo aumento do interesse pelo tema na pesquisa contemporânea em língua inglesa.

Em linhas gerais, a tese sustentada por Zunshine (2006) é a de que somos motivados a consumir ficção em função das oportunidades que tal ato nos oferece para o exercício da interpretação de estados mentais das personagens a partir de indícios físicos e comportamentais indicados pelo texto. Podemos nos perguntar: Interpretar o que se passa nas mentes delas é a principal causa de interesse na leitura? Falaremos mais sobre isso adiante. Por ora, antecipamos que, neste artigo, refletiremos sobre essa questão a partir da aplicação da teoria de *mind-reading* (via análise comparativa) à composição de duas personagens de Machado de Assis, a saber: Capitu, de *Dom Casmurro* (2021b[1899]), e Guiomar, de *A mão e a luva* (2021a[1874]).

Com base na seleção de quatro capítulos de ambos os textos, observaremos a frequência com que o recurso ao *mind-reading* é usado por Machado como estímulo à construção mental, pelo leitor, (i) das características comportamentais e de personalidade das personagens, assim como (ii) dos objetivos delas no enredo e (iii) das reações do leitor aos acontecimentos da trama.

A título de hipótese, parece-nos que a frequência com que Machado recorre a adjetivações pelo narrador em *A mão e a luva* é inversamente proporcional ao apelo ao *mind-reading* do leitor em *Dom Casmurro*. Queremos com isso dizer que, enquanto a adjetivação instrui o leitor a como construir as personagens, o *mind-reading* entrega essa indústria psicológica à construção criativa, abdutiva de um leitor atento à vida mental da personagem. Para tanto, veremos em que medida os atos de *mind-reading* as qualificam pelo recurso a tipificações (como ocorre majoritariamente em *A mão e a luva*, ou pela particularização dos traços psicológicos (como é notável na construção de Capitu, em *Dom Casmurro*). Acreditamos, pois, que o desenvolvimento das capacidades literárias de Machado está associado à intensificação da solicitação da imaginação do leitor pela comunicação textual. Esse fato nos sugere a proficuidade de uma investigação em narratologia centrada no *mind-reading*. O presente artigo exemplifica nosso interesse de associar essa teoria da mente à análise comparativa do desenvolvimento estilístico de um autor central do cânone romanesco brasileiro, aqui flagrado em dois momentos distintos da sua produção.

Nossa discussão segue quatro etapas: 1) a apresentação da teoria de Zunshine (2006); 2) uma breve apresentação da semiótica antropológica de Paul Kockelman (2012), que utilizaremos para descrever certos *inputs*

cognitivos do texto machadiano; 3) a análise comparativa de Guiomar (Assis, 2021a) e Capitu (Assis, 2021b), mediante a descrição das técnicas textuais empregadas para estimular a interpretação, pelo leitor, dos estados mentais das personagens, concebendo-as como modo de apelo à imaginação dele para a construção de uma e de outra; 4) indução, a partir do item 3, dos diferentes graus de intensidade e complexidade no apelo à cognição do leitor pelo texto machadiano, em dois momentos da sua trajetória literária; neste mesmo item 4, e tomando como referência a análise que oferecemos da prosa machadiana, procederemos a considerações gerais sobre a fecundidade da teoria do *mind-reading*, ainda amplamente desconhecida no Brasil, para a análise da narrativa de ficção.

## 1 *MIND-READING*

O termo *mind-reading*, que, em tradução literal, significa leitura da mente, talvez seja melhor expresso como acurácia empática, mentalização, psicologia popular ou, ainda, teoria da mente (Chagas; Moreira; Andrade, 2022; Gallagher; Frith, 2003; Macchia *et al.*, 2022; Mayer; Caruso; Salovey, 2000; Morin; Racy, 2021; Realo *et al.*, 2003; Salovey; Mayer, 1990). Trata-se de uma capacidade que, posto que inata, desenvolve-se à medida que é aumentado o repertório de comportamentos sociais e de expectativas em relação aos comportamentos alheios. Ao longo do desenvolvimento cognitivo e emocional de animais dotados de faculdades mentais (como os humanos), desenvolve-se a capacidade de “ler” as “pistas”, dos conteúdos mentais dos indivíduos, por eles disponibilizadas por meio de suas palavras, emoções e linguagem corporal. Ainda que não se estejam cientes do fato, animais pró-sociais recorrem cotidianamente aos procedimentos da teoria da mente para interagir uns com os outros, seja para entender o ponto de vista alheio seja para detectar que os interlocutores não estão dizendo o que querem dizer, nos casos, por exemplo, de ironia, brincadeira ou mentira (Chagas; Moreira; Andrade, 2022; Zunshine, 2006).

*Mind-reading* é, portanto, um termo que se propõe descrever a habilidade natural de certas espécies animais – sobretudo os primatas, e mais acentuadamente os humanos – de explicar estados mentais de outras pessoas a partir da observação do seu comportamento. Ou seja, o *mind-reading* é a capacidade de identificar, e potencialmente explicar, estados mentais alheios por meio da observação do comportamento exterior das pessoas. Indícios observáveis – maçãs do rosto enrubescem, a respiração se acelera, a sudorese aumenta, braços e pernas ficam

inquieta, sobrancelhas se arqueiam, olhos se arregalam, e assim por diante – são tomados como indicativos de pensamentos, sentimentos, crenças, desejos. Nem sempre acertamos, é claro; a qualquer momento podemos interpretar a expressão facial de uma dor de dentes como a expressão facial de um drama psicológico qualquer. Em todo caso, é muito improvável que, diante de alguém com uma tal expressão no rosto, não a interpretemos como resultado de algum estado mental que saberíamos identificar em nós mesmos, numa situação semelhante – a interpretação nos vem imediata e facilmente, com baixo custo cognitivo. Podemos errar a interpretação do estado mental, mas sabemos explicar a expressão facial como indicação de algum estado mental atípico, seja ele qual for (Chagas; Moreira; Andrade, 2022; Zunshine, 2006).

A habilidade de *mind-reading* é, destarte, essencial para a navegação do mundo social. Por meio dessa refinada habilidade de intercomunicação, é-nos permitido atribuir estados mentais a uma ou a diversas pessoas e, em simultâneo, decodificar a sequência de acontecimentos pertinentes ao contexto de ação. O desenvolvimento dessa habilidade está integrado à formação de coletividades, grupos sociais e relações interpessoais de qualquer tipo, do namoro à vida em família, das relações no ambiente de trabalho à organização do partido político. A atribuição de estados mentais é, em última análise, um instrumento evolutivo para a navegação em ambientes sociais que se tornam complexos pelas conexões em redes das diferentes predisposições e capacidades psicológicas dos seus indivíduos componentes. Quanto mais e mais variadas forem as mentes em articulação, mais complexo será o mapeamento mental do ambiente; se, por outro lado, formos capazes de interpretar mentes alheias com um grau razoável de acuidade, a ponto de antecipar comportamentos de maneira satisfatória, navegaremos pelo mundo social de maneira mais eficiente (Chagas; Moreira; Andrade, 2022; Gallagher; Frith, 2003; Macchia *et al.*, 2022; Mayer; Caruso; Salovey, 2000; Morin; Racy, 2021; Realo *et al.*, 2003; Salovey; Mayer, 1990; Zunshine, 2006).

## 1.1 MIND-READING E FICÇÃO

A proposição de Zunshine (2006) então é: dentre tantas outras ações perpetradas pela literatura, não é exatamente a indução de processos de *mind-reading* nos leitores o que os narradores fazem por meio das personagens de ficção? Não são os autores os navegadores sociais por excelência? Não são os leitores aqueles que transitam pelos mundos

ficcionais criados pelos seus autores? E mais: não são esses mesmos processos o que fazem permanentemente os leitores de ficção? Ou ainda, não estamos nós, os leitores, o tempo todo a interpretar os estados mentais das personagens, em seus contextos de experiência, para compreender suas mentes e, com isso, entender suas reações, compreender suas motivações e antecipar suas ações? Se isso faz sentido, a teoria do *mind-reading* se aplica tanto ao processamento da informação social quanto à leitura da ficção, em que a habilidade do leitor de explicar a vida mental – pensamentos, crenças, desejos etc. – das personagens, a partir da observação de indícios corpóreos, é colocada continuamente a prova (Zunshine, 2006).

Em *Dom Casmurro* e em *A mão e a luva*, acreditamos, é possível observar e supostamente mensurar a frequência com que o recurso ao *mind-reading* é usado por Machado para induzir o leitor a fazer inferências sobre os estados mentais de Guiomar e Capitu. O *mind-reading* é usado, então, como interpretante – que, de acordo com Kockelman (2012), é o índice que indica uma qualidade na personagem e/ou nela projeta certa propensão a exibir certas qualidades.

Assim, é-nos possível observar a frequência com a qual o narrador e outras personagens atribuem estados mentais às demais a partir de indícios físicos, como gestos, comportamento e expressões faciais, tomados, em conjunto, como indicadores de desejos, motivações, reações, enganos, entre outros estados mentais possíveis. Ressaltamos que, aqui, nos interessa não apenas a frequência, mas também a preocupação do texto em facilitar a compreensão do leitor: em que medida a explicação dos *mind-reading* de Guiomar e Capitu é explicitada no texto, ou, de outro lado, entregue à inferência do leitor? Como são apresentados esses processos de *mind-reading*, isto é: eles são extensivamente explicados, ou suas compreensões são entregues à abdução do leitor?

Acreditamos que um dos critérios fidedignos de mensuração de complexidade de obras literárias diz respeito à capacidade que têm de suscitar uma maior participação do leitor em inferências mentais sobre as personagens, isto é, na habilidade com que suscitam mais ou menos processos de *mind-reading* (Chagas; Moreira; Andrade, 2022; Zunshine, 2006). Esse é um dos critérios que está em jogo quando se diz que a obra de Machado de Assis ganha em complexidade no período compreendido entre as publicações de *A mão e a luva* (1874) e de *Dom Casmurro* (1899). O recurso interpretativo suscitado pelo narrador no leitor em *A mão e a luva* é inferior ao que verificamos em *Dom Casmurro*: no primeiro

caso, o leitor recebe com mais frequência revelações sobre a vida mental das personagens ou mesmo sobre os componentes mentais que estão emparelhados a suas expressões fisicamente observáveis. Por meio dessas revelações frequentes, o narrador de *A mão e a luva* entrega ao leitor o que a personagem está pensando e sentindo. Pode-se dizer que, por meio desse recurso, Machado tenta mitigar potenciais ambiguidades e erros de interpretação do leitor em relação à personagem.

Dessa forma, enquanto o narrador de *A mão e a luva* tenta ser explicativo, o de *Dom Casmurro* busca ser convincente, quer dizer, tenta convencer o leitor da sua própria interpretação de Capitu, revivendo as ideias que ele mesmo, quando jovem, em tempo real, tinha sobre os estados mentais dela, visando com isso estabelecer, para o leitor, a credibilidade da sua interpretação da personagem (Chagas; Moreira; Andrade, 2022; Zunshine, 2006).

Os processos de *mind-reading* que podemos mapear na obra de Machado – sejam eles realizados pelos próprios narradores ou oferecidos à interpretação do leitor – envolvem o apelo tanto a convenções que vinculam as personagens a categorias sociais e culturais específicas quanto à explicitação de traços que os particularizam como entes singulares. Em *A mão e a luva*, as ações e motivações de Guiomar são ostensivamente explicadas pelo narrador, não deixando esforços extras ao leitor para compor na mente uma personagem coesa no que diz respeito (i) à sua posição social e (ii) aos dilemas constitutivos de seu extrato socioeconômico e cultural. Mais que isso, Machado não deixa, aí, muito espaço para que precisemos descobrir os comportamentos e as estratégias de Guiomar (Chagas; Moreira; Andrade, 2022). Em *Dom Casmurro*, por sua vez, Capitu é apresentada como uma personagem relativamente opaca, de difícil compreensão e potencialmente idiossincrática: interpretar seus estados mentais a princípio é mais difícil, mais desafiador, mais vulnerável aos vieses interpretativos de cada leitor e, por tudo isso, mais determinante do modo como ela será construída imaginativamente por cada leitor, em cada circunstância de leitura (Chagas; Moreira; Andrade, 2022).

## **2. A SEMIÓTICA DE PAUL KOCKELMAN E SUA APLICAÇÃO AO CASO CAPITU**

Antes de passarmos à análise do *corpus* machadiano, apresentemos a teoria escolhida para a descrição dos elementos textuais selecionados para

análise: a semiótica de Paul Kockelman (2012). Por meio de sua atuação na linguística antropológica, o autor se propõe agregar a linguística e as ciências cognitivas em uma teoria dos signos cuja finalidade é a de descrever como as mentes, corpos, objetos, pessoas, lugares, expectativas culturais (dentre outros elementos estruturalmente importantes para a vida pessoal e coletiva) se integram em processos comuns de produção de sentido.

Kockelman (2012), para tanto, centra sua produção em quatro capacidades humanas, a saber, agência, subjetividade, *selfhood* (senso de identidade pessoal) e *personhood* (senso de identidade como indivíduo socializado). Trata-se das capacidades que considera essenciais para o entendimento da produção de “sentido no mundo” (*meaning-in-the-world*, ou seja, inscrito nas formas de vida, e não externo a elas). Sua teoria pretende ser “naturalista”, por descrever como produzimos sentidos a partir do enquadramento “culturalizado” da informação que nos chega de dentro e de fora dos nossos corpos e mentes. Por outro lado, ela se propõe “crítica”, já que tanto busca nos levar a compreender como o sentido é produzido quanto permitir que observemos de maneira distanciada certas condições de produção de sentido que estão tão integradas aos hábitos e práticas do mundo da vida [*lebenswelt*], que dificilmente se tornam objeto de referência (Kockelman, 2012).

No âmbito da sua proposta de interseccionar a existência e o “estar no mundo” no interior das interações e contextos pessoais (ou “infraestruturas”), Kockelman (2012) aspira a articular uma posição semiótica em relação à linguagem, à cultura e à mente, campos que articula a partir de contribuições da linguística, antropologia e psicologia. Por meio dessa integração disciplinar, o autor visa à produção de um idioma semiótico integrador das três disciplinas. Em particular, esse idioma deve substituir o vocabulário intencional usualmente privilegiado no debate acadêmico, pelo qual as ações e a vida mental dos agentes são interpretadas em relação a fins. Como indica Mertz (2014), trata-se de uma teoria preocupada em abranger aspectos não intencionais da formação de sentido para, subseqüentemente, poder lidar com uma grande variedade de situações comunicativas – daí por que ela nos interessa, dado que a nossa análise do texto machadiano será amplamente dedicada a aspectos não intencionais, assim como não verbais da produção de sentido.

Se o objetivo é indicar propriedades imanentes aos textos selecionados, a semiótica de Kockelman (2012) é conveniente/pertinente, porque nos oferece um vocabulário adequado à descrição de construções

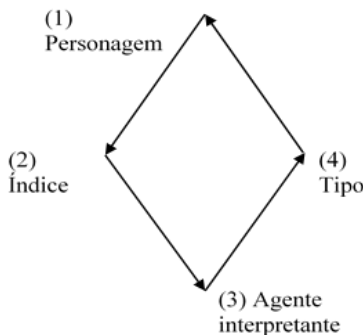


textuais que fomentam – no leitor, no narrador, em outras personagens – a interpretação dos estados mentais da personagem (no caso, de Guiomar e Capitu), sem representarem, para tanto, elementos intencionais de produção de significado. Entre outras coisas, a semiótica de desse autor nos ajuda a descrever como a representação textual de um gesto, um arquear de sobrancelhas ou um movimento de mãos pode portar tanto significado, a ponto de suscitar a interpretação de estados mentais de personagens que, de outro modo, permaneceriam opacas para o leitor.

Vejamos os conceitos a serem usados na análise, a começar pelos três modos de inferência de significados a partir da leitura. Inferências são processos mentais centrais na compreensão dos textos; e, na falta de comunicação direta entre autor e leitor, intenções autorais de comunicação são construídas, por este, mediante a articulação inferencial de significados ostensivamente sugeridos pelo texto. Seguindo o modelo peirceano geral, Kockelman (2012) discute três principais modos inferenciais de estruturação do pensamento: dedução, indução e abdução. Na dedução, o pensamento parte de uma regra e uma premissa (geral) para chegar a uma conclusão (particular), que será mantida como verdadeira até sua possível negação. Baseando-se no apelo a regras e premissas gerais, um pensamento estritamente dedutivo prescinde da indução (da empiria) para se justificar – pois a indução parte do particular para o geral, ou seja, pela observação de diversos casos, induz-se a regra regente.

Por fim, a abdução trabalha com hipóteses: na ausência tanto de uma regra geral, quanto de um número suficiente de casos para permitir uma inferência, adota-se uma hipótese *ad hoc* para explicar o fenômeno – é o máximo que se pode fazer, por exemplo, em relação aos estados mentais de Capitu. Por um lado, ela não se enquadra em algum perfil genérico que permita ao leitor deduzir, a partir do tipo, as propriedades que a estruturam especificamente; por outro lado, em uma quantidade suficiente de ocasiões, são reveladas informações claras sobre os estados mentais de Capitu, a ponto de permitir que o leitor induza delas uma regra geral sobre a mente dessa personagem. Considerando esse último caso, o leitor pode navegar entre suas impressões pessoais e as impressões de Bentinho e das demais personagens para abduzir suas próprias teorias interpretativas a partir das informações que o texto oferece. Mais precisamente, estamos falando de uma rede formada por agentes interpretantes, índices e tipos na construção e articulação de informações.

Assim, neste trabalho, utilizaremos o modelo de Kockelman (2012, p. 17) da seguinte maneira:



O esquema acima nos ensina que a personagem (1) exibe uma qualidade (2) perceptível ao leitor ou agente interpretante (3), o qual, por sua vez, processa a especificamente informação sobre a personagem qualificando-a como pertencente a um tipo (4), compreendido como a propensão (daquele tipo) a exibir certos índices (qualidades). Uma vez que a personagem (1) é estabilizada como objeto de interesse, passando a centralizar a semiose do texto, os índices textuais (2) que lhes atribuem certas características são processados mentalmente por um leitor (3), o qual recorrerá a algum tipo genérico de personagem (4) que ele conheça, para estabelecer, a partir da comparação entre esse tipo geral (4) e as propriedades (2), quais as que singularizam a personagem, isto é, assim ele constrói sua interpretação abdutiva sobre ela.

Vale destacar que tal princípio se aplica tanto ao leitor quanto às demais personagens das obras: um agente interpretante de Guiomar e Capitu somos nós, leitores, mas também outras personagens e os narradores. Peguemos *Dom Casmurro* (Assis, 2021b) como exemplo: no capítulo XXXI (“As curiosidades de Capitu”), Bentinho (3) vê Capitu (1) fazendo perguntas sobre o modo como certa pessoa falou certa frase, acompanhando seus gestos e entonação durante a cena (2), atribuindo-lhe, nesse momento, o traço geral da “curiosidade” (4), que, somado a outras caracterizações (2) da personagem dispersas pelo texto, pode ser tomado como referência para a construção dos seus traços de personalidade (sejam seus objetos de curiosidade explicáveis, frívolos ou úteis). No capítulo XVIII (“Um plano”), tem-se a mesma situação, mas agora é o narrador (3) que, lembrando a maneira (2) como Capitu (1) perguntava todos os detalhes da conversação,

abduktivamente atribui a ela (4) certos traços particulares (ela seria mais madura que ele na adolescência).

E cada leitor, por sua vez, fará suas abduções pessoais, em cada circunstância individual de leitura – por exemplo, pode ocorrer que, ao observar que Capitu (1), tendo descoberto que Bentinho iria para o seminário, começa a insultar o amigo (2), o leitor (3) pode identificar (4), em sua reação, traços de manipulação, de descontrole, de agressividade, de menosprezo, entre inúmeras alternativas possíveis.

### 3. *MIND-READING*: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE *A MÃO E A LUVA* E *DOM CASMURRO*

*Mind-reading* é, como sabemos, a capacidade que nos permite atribuir estados mentais – objetivos, intenções, crenças, desejos, pensamentos e sentimentos – a outras pessoas. Os processos de *mind-reading* são suscitados por indícios externos aos próprios processos (um estímulo visual ou uma ideia) e se sustentam em noções intuitivas que temos sobre as correlações típicas entre estados físicos e estados mentais em indivíduos da nossa espécie – nossa “teoria intuitiva da mente”, em outras palavras. Ela favorece um tipo de autorreflexão que nos permite, pela imaginação dos tipos de experiência interior que teríamos numa situação semelhante, simular o que os outros estariam a experimentar internamente. Essa capacidade favorece nossa previsão do comportamento alheio, e tanto nos protege do engano e da mentira – ao nos permitir melhor detectá-los –, quanto nos ensina a mentir e enganar – ao nos possibilitar prever, e assim driblar, as estratégias alheias de descoberta. Com isso, ela é um instrumento de detecção do engano e reforço da cooperação, mas que também pode ser apropriado para o embuste e a manipulação. De maneira geral, com o *mind-reading* alguém atribui a uma pessoa um estado mental que possa explicar seu comportamento, justificando-o ou não.

Vejamus então o recurso ao *mind-reading* no capítulo V (“Meninice”) de *A mão e a luva* (Assis, 2021a), escolhido por ser uma introdução detalhada de Guiomar e por se inserir no texto de maneira semelhante ao capítulo XXI (“As curiosidades de Capitu”) de *Dom Casmurro* (Assis, 2021b). Ali aprendemos sobre a infância de Guiomar, mais especificamente sobre a formação da sua personalidade em consequência da morte do pai e, posteriormente, a da mãe. Aprendemos também sobre suas relações com a mãe e a madrinha, sua guardiã no presente da narrativa. Em todo

o capítulo, há uma única passagem que utiliza um processo de *mind-reading*:

Tinha a moça dezesseis anos quando passou para o colégio da tia de Estêvão, onde pareceu à baronesa se lhe poderia dar mais apurada educação. Guiomar manifestara então o desejo de ser professora.

– Não há outro recurso, disse ela à baronesa quando lhe confiou esta aspiração.

– Como assim? perguntou a madrinha.

– Não há, repetiu Guiomar. Não duvido, nem posso negar o amor que a senhora me tem; mas a cada qual cabe uma obrigação, que se deve cumprir. *A minha é... é ganhar o pão.*

*Estas últimas palavras passaram-lhe pelos lábios como que à força. O rubor subiu-lhe às faces; dissera-se que a alma cobria o rosto de vergonha.*

– Guiomar! exclamou a baronesa.

– Peço-lhe uma coisa honrosa para mim, respondeu Guiomar com simplicidade. A madrinha sorriu e aprovou-a com um beijo, – assentimento de boca, a que já o coração não respondia, e que o destino devia mudar (Assis, 2021a, pp. 76-77, grifos nossos).

Temos, aqui, a reação da personagem ao expor o que pensa sobre sua posição social como órfã. As palavras, como se passando a força pela boca, e o rubor de Guiomar, ao aparecerem naquele contexto de comunicação, direcionam o leitor a uma interpretação de baixa ambiguidade potencial. Em seguida, o narrador reforça o conteúdo: “dissera-se que a alma cobria o rosto de vergonha”. Assim o recurso ao *mind-reading*, na condição de interpretante a indicar traços definidores da personagem, colabora para sumarizar sua personalidade e seu comportamento mediante a remissão a uma condição tipificada de vida – a condição de órfã – que, por ter um *status* social bem estabelecido, define por si o papel que caberia à moça na vida prática, como agregada na casa da madrinha. A facial acessibilidade da tipificação, que explica a condição da personagem pela remissão a normas sociais estabelecidas, torna o recurso ao *mind-reading* uma estratégia de reforço para caracterização da personagem; aparecendo apenas uma vez no capítulo, sua interpretação é simples e, para o caso de quaisquer dúvidas que possam permanecer, seu significado é imediatamente explicitado pelo narrador.

Bem diferente é o que encontramos em “As curiosidades de Capitu” (Assis, 2021b), que nos apresenta as maquinações de Capitu e Bentinho para que ele se livrasse da promessa que sua mãe fizera de enviá-lo ao seminário. A moça pede detalhes minuciosos sobre a conversa que ele bisbilhotara em sua casa a esse respeito, mas a finalidade dessas perguntas no enredo é mais ampla: as questões abrem caminho para que o narrador

explore a personalidade da amada a partir da sua relação com os membros da família dele. Novamente, o recurso ao *mind-reading* está concentrado em uma única passagem, mas seu apelo à interpretação do leitor é de outro tipo:

Capitu preferia tudo ao seminário. Em vez de ficar abatida com a ameaça da larga separação, se vingasse a idéia da Europa, mostrou-se satisfeita. E quando eu lhe contei o meu sonho imperial:

– Não, Bentinho, deixemos o Imperador sossegado, replicou; fiquemos por ora com a promessa de José Dias. Quando é que ele disse que falaria a sua mãe?

– Não marcou dia; prometeu que ia ver; que falaria logo que pudesse, e que me pegasse com Deus.

*Capitu quis que lhe repetisse as respostas todas do agregado, as alterações do gesto e até a pirueta, que apenas lhe contara. Pedia o som das palavras. Era minuciosa e atenta; a narração e o diálogo, tudo parecia remoer consigo. Também se pode dizer que conferia, rotulava e pregava na memória a minha exposição.* Esta imagem é porventura melhor que a outra, mas a ótima delas é nenhuma. Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. *Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição* (Assis, 2021b, p. 94, grifos nossos).

Esse último parágrafo, contendo uma digressão metanarrativa do narrador, atua como chave interpretativa do capítulo, que reúne vários exemplos de situações em que as curiosidades de Capitu se revelam “explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas” (Assis, 2021b, p. 56). No entanto, essa mediação do narrador adulto não elimina que, no tempo presente da narrativa – e não da narração, que ocorre ao final da vida do protagonista –, aquelas curiosidades sejam inicialmente processadas, depois lembradas e interpretadas pelo jovem Bentinho.

Em relação ao tipo de narração empregada, e diante de *A mão e a luva* (Assis, 2021a), percebe-se que a construção do *mind-reading* assume aqui outro nível de complexidade. Um narrador em terceira pessoa (relembrando a cena) interpreta a mente de Capitu, enquanto o narrador em cena, e em primeira pessoa, apenas reage às demandas da moça, sem entender o que se passa na mente dela; enquanto Bentinho reage ao que lhe parece excessivo e incomum no comportamento de Capitu, o narrador distanciado olha o passado estimulando o leitor a aceitar sua seleção dos elementos relevantes no caso ocorrido.

E tudo desemboca numa conclusão peculiar, em que o narrador explicita sua intenção de formar a interpretação do leitor sobre a

maturidade relativa de Capitu em relação a Bentinho, enquanto apresenta comportamentos da personagem que demonstram sua própria incerteza ao fazer o *mind-reading* dos seus estados mentais: ele apresenta ostensivamente uma conclusão (sobre a maturidade de Capitu) que cabe ao leitor aceitar como verdadeira, enquanto lhe mostra um quadro comportamental cuja interpretação ele se recusa a oferecer, apenas sugestionando o leitor, de maneira subliminar, a fazê-la por conta própria. Com isso, ao não oferecer uma explicação dos conteúdos mentais de Capitu, o narrador intensifica o estímulo cognitivo do texto, que apela à imaginação do leitor para que este faça por si a interpretação faltante.

Com esse exemplo, ilustramos as diferenças gerais entre o recurso ao *mind-reading* em *Dom Casmurro* e em *A mão e a luva*, com suas consequências para o apelo à mente do leitor como produtora de significados não ostensivamente codificados no texto. O caso de *Dom Casmurro* se revela ainda mais complexo quando se percebe que as condições para o *mind-reading* de Capitu pelo leitor são mediadas por adjetivos e conjecturas de Bentinho (“tudo parecia remoer consigo”), que devem ser em si interpretadas a partir do conhecimento acumulado sobre a personagem – as adjetivações e conjeturas de Bentinho são reações pessoais ao comportamento de Capitu, e, como tais, devem ser compreendidas à luz das interpretações que o leitor fará delas a partir das que ele terá feito (até aquele momento da leitura) sobre a personalidade e a vida mental da personagem. Ou seja, apenas a partir dos vários *mind-reading* de Bentinho – que o leitor terá realizado até ali – será possível entender por que ele reagia daquela maneira a Capitu, adjetivando daquele modo o seu comportamento.

Para complexificar ainda mais a interpretação, o leitor é levado, pelo narrador, a recorrer ao *mind-reading* de Capitu a partir do *mind-reading* de Bentinho, enquanto as reações dela envolvem, afinal, o *mind-reading*, feito por ela, acerca do agregado José Dias – que trouxera de volta o assunto da conversa bisbilhotada por Bentinho, sobre sua possível ida ao seminário. Ao reagir à informação da conversa, Capitu está reagindo às interpretações que ela imediatamente fizera das intenções de José Dias ao resgatar o assunto. Sua reação à informação envolve seu *mind-reading* sobre ele; daí sua preocupação em conhecer os mínimos detalhes da cena, incluindo tons de voz e reações físicas dos participantes da conversa – pois ela está a construir mentalmente o cenário da interação, para assim

imaginar, pela interpretação da informação física, os conteúdos mentais (vontades, crenças, afetos etc.) dos interlocutores.

Por todos esses motivos, observamos como o texto de *Dom Casmurro* (Assis, 2021b) sofisticava o apelo à participação interpretativa do leitor na compreensão da ação, o que não ocorre sem riscos: o leitor é relativamente mais livre para interpretar as ações e reações das personagens, mas muitos indícios oferecidos para interpretação podem passar despercebidos. Isso porque Capitu *parece* remoer tudo consigo. Ela é acessível apenas para a visão de Betinho, mas a interpretação da sua mente dependerá de camadas de interpretações sobre ela e sobre outras vozes no texto – Bentinho, José Dias, o narrador maduro.

Atentemos também para a indexação das personagens pelo narrador. Mais especificamente, note-se a frequência e o modo do uso de adjetivos em suas caracterizações: em “Meninice” (Assis, 2021a), 29 adjetivos são empregados para descrever Guiomar; em “As curiosidades de Capitu” (Assis, 2021b), há apenas 11 adjetivos, não repetidos:

“**Meninice**”: humilde [nascimento]; galante; delicada; inteligente; viva; travessa; solitária [infância]; alegre; concentração; mudez; seriedade; solitária [vida]; austera [vida]; sérios [olhos]; pensativos [olhos]; interessante; pensativa; melancólica; força superior; viveza intelectual; beleza; meiguice; graciosa compostura [seus modos]; terna [alma]; energética [alma]; afetuosa [alma]; resoluta [alma]; finamente elegantes [maneiras]; mediana [origem] (Assis, 2021a).

“**As curiosidades de Capitu**”: satisfeita; minuciosa; atenta; particular; (mais) mulher; curiosa; explicáveis [curiosidades]; inexplicáveis [curiosidades]; úteis [curiosidades]; graves [curiosidades]; frívolas [curiosidades] (Assis, 2021b).

Quanto maior a carga informacional integrada à codificação textual da personagem, mais direcionada pelo texto sua interpretação tende a ser; por si, isso indica a maior dedicação do narrador de *A mão e a luva* a instruir a imaginação do leitor de maneira diretiva. Além disso, o tipo de adjetivação é diferente em cada caso, pois em Capitu ela se dirige à qualificação da sua atividade mental – suas “ideias” e “curiosidades” –, e não à de dados físicos, comportamentais ou biográficos, como ocorre em Guiomar. Coloca-se, desse modo, ainda outra camada para a interpretação da personagem de *Dom Casmurro*, cuja opacidade se mantém. Se Guiomar parece “interessante”, as curiosidades de Capitu são “inexplicáveis”. Os adjetivos não são empregados para tipificar Capitu – isto é, dotá-la da propensão a exibir características genericamente pertinentes a tipos

sociais e/ou literários quaisquer –, mas para particularizar sua psicologia, mediante a ostensão de qualidades perceptíveis, cuja interpretação permanece opaca –, enquanto em “Meninice” (Assis, 2021a) os adjetivos descrevem, diretamente, traços indicativos da identidade social e psicológica da personagem.

Nossa proposição, pois, é que a diferença na adjetivação impõe um uso maior ou menor do *mind-reading* como estratégia de construção mental das personagens pelo leitor. Em *Dom Casmurro*, muito é entregue às inferências do leitor; em *A mão e a luva*, a personagem é, em termos relativos, mais ostensivamente explicada ao leitor. Adjetivos são centrais na tipificação ou singularização das personagens e, por isso, dão fundamento à interpretação, pelo leitor, dos seus estados mentais. Para Guiomar, os adjetivos são índices que conferem coerência à personagem como representativa de um tipo social conhecido (órfã, agregada), cuja própria inscrição social, a partir da sua história de vida, explica, por sua vez, seus traços de personalidade e de comportamento (solidão, melancolia e assim por diante).

No entanto, isso não torna simplória a construção da personagem, já que o narrador trabalha para equilibrar sua tipificação sociológica com a carga de singularização implicada em sua natureza ao mesmo tempo “delicada” e “travessa”, “melancólica” e “solitária” – índices que produzem coerência de maneira nem sempre complementar (melancolia e travessura não costumam caminhar juntas) e tampouco incompatíveis (na medida em que aparece como atributo da infância, a travessura se torna um atributo genérico da idade). Ainda assim, a interpretação de Guiomar pode ser predominantemente dedutiva, pois o texto permite que o leitor se apoie na condição social dela (regrada, normatizada e até mesmo juridificada), determinada pelas circunstâncias biográficas (relativamente comuns), para compreender a psicologia da personagem: de parâmetros interpretativos globais, dispostos *a priori* em relação ao caso específico, o leitor é levado a interpretar a personagem a partir da sua inscrição de classe (mulher, órfã, agregada à burguesia rentista do Brasil do século XIX), deduzindo que, a partir dessas propriedades genéricas, é possível entender (uma porção significativa dos) seus traços singulares. Amparado na dedução, o leitor tenderá a aplicá-la também ao *mind-reading* de Guiomar, que é assim integrado à codificação textual da construção da personagem, sem lhe impor grande demanda imaginativa.



Ambas as personagens são descritas como maduras e, por isso, “analíticas”: Guiomar tem “uma força de vontade superior aos seus anos” (Assis, 2021a, p. 14), Capitu é “mais mulher do que eu [Bentinho] era homem” (Assis, 2021b, p. 55). Esta, ainda adolescente, foi minuciosa ao pedir detalhes de uma cena que Bentinho observara com relativa desatenção. Ela não é apenas singularizada em relação a Bentinho, como também – comparada a Guiomar – é singularizada em relação à sua idade. A diferença reside no tratamento que o narrador de cada obra confere a essas características: em Guiomar, a caracterização produz coerência interna, social e psicológica; em Capitu, é preciso que o leitor suplemente as informações textuais para imaginar, por si próprio, quais seriam as características não enunciadas da personagem, capazes, ainda assim, de conferir coerência ao seu comportamento. No nosso entender, a narrativa de *Dom Casmurro* maneja traços aparentemente não complementares na construção da personagem para que o leitor descubra, por si mesmo, a lógica que lhes confere complementaridade – sendo esse um instrumento de particularização da personalidade da personagem.

Avancemos cinco capítulos em *A mão e a luva*. Em “A revelação”, Guiomar recebe de Jorge, sobrinho da madrinha dela, uma carta na qual o rapaz confessa seu amor pela moça. Tomando conhecimento do fato, Mrs. Oswald, inglesa governanta da casa, expõe a Guiomar o desejo da madrinha de que ela se case com Jorge. O capítulo apresenta a reação desta a uma confissão de amor indesejada, a qual coloca em perigo sua felicidade futura (pois ela não queria aquele casamento). Nesse ponto da narrativa, o recurso ao *mind-reading* se mostra alternante: no início, Guiomar está sozinha. Há apenas frases pontuais em que o narrador lê a mente da personagem; com a entrada em cena de Mrs. Oswald, processos de *mind-reading* se sucedem em cadeia, com a atribuição sucessiva de estados mentais a uma e outra personagem, à medida que cada uma delas reage às comunicações da interlocutora. Vejamos as frases seguintes:

O primeiro gesto de Guiomar foi de *cólera*.

E desta vez o gesto não foi de *cólera*, foi de alguma coisa mais, *metade fastio, metade lástima, mescla difícil e rara*.

A moça ficou algum tempo quieta, *como a hesitar* entre queimá-lo [o papel] ou restituí-lo intacto a seu autor.

Mas a *curiosidade* venceu por fim; Guiomar abriu o papel e leu estas linhas.

Guiomar leu esta carta duas vezes, uma leitura de *curiosidade*, outra de *análise e reflexão*, e *ao cabo da segunda achava-se tão fria como antes da primeira* (Assis, 2021a, pp. 98-99, grifos nossos).

Há aqui um padrão: são todos processos de *mind-reading* explícitos, sentimentos ostensivamente desembaraçados para o leitor. Outro padrão importante é que, com exceção da quarta frase, as demais iniciam-se pela apresentação da ação da personagem, seguida da explicitação da emoção que a explica: a palavra “gesto” é seguida de “cólera”; “quieta” vem antes de “hesitação”; “primeira leitura” antecede “curiosidade”; “segunda leitura” antecipa “análise e reflexão”. Apenas na quarta frase tem-se a inversão desse padrão, com “curiosidade” vindo antes de “leitura”. Especialmente a segunda frase contrasta com o padrão singularizante da exposição das emoções de Capitu, pois ali o próprio narrador trata de qualificar a mistura de fastio e lástima como “difícil e rara”, optando por uma qualificação ostensiva da singularidade do comportamento, que, justamente por isso, diminui o apelo à participação do leitor à produção de um processo de *mind-reading* que pudesse produzir essa qualificação.

Em Guiomar, temos um acesso claro à motivação das suas ações e expressões. Isso ocorre especialmente porque índices – na condição de “*qualidade[s]* relativamente perceptível[is] a um agente” (Kockelman, 2012, p. 5) – oferece conhecimento para um leitor que já formou certas noções sobre a tipicidade de Guiomar (no capítulo “Meninice”). Assim, na cadeia formada pelo índice (qualidade perceptível), o tipo (propensão a exibir índices) e o agente interpretante (que percebe um índice e projeta um tipo), o narrador manipula a coerência construída pela tipificação social e psicológica de Guiomar para permitir que o leitor deduza interpretações contextuais sobre o comportamento e os estados mentais da personagem, seja em relação a um índice mais claramente motivado naquele contexto – como o gesto de cólera –, seja em relação a índices aparentemente não complementares – como “metade fastio, metade lástima”.

Vejamos agora um exemplo de processos de *mind-reading* encadeados entre si, na interação entre Guiomar e Mrs. Oswald:

- [...] Mas, pelo que vejo, continuou a inglesa deitando os olhos para a mesinha em que pousava o livro aberto – pelo que vejo ainda não acabou de ler o seu romance...
- Não li ainda uma linha, depois que me recolhi, respondeu Guiomar *cravando os olhos no rosto da inglesa, como tomada de um pensamento súbito*.
- Deveras!
- Li outra coisa, continuou a moça; li este papel.
- Mrs. Oswald inclinou-se para ler também o papel, *que aliás adivinhou qual fosse*; Guiomar *atirou-o sobre a mesa*.
- Não precisa, disse ela; é uma declaração amorosa.
- De quem? perguntou a inglesa abrindo uns olhos *espantados e obedientes*.

- Leia o nome.
- Mrs. Oswald leu a assinatura da carta, que a moça de novo lhe apresentava.
- *Naturalmente, continuou Guiomar, há nisto obra sua...*
- Minha! interrompeu a outra um pouco mais *rispidamente* do que costumava falar (Assis, 2021a, pp. 101-102, grifos nossos).

Nessa passagem, há uma mudança de ritmo: com a entrada da personagem que interage com Guiomar, o narrador, antes direcionado para o *mind-reading* da protagonista, passa a se dividir entre duas unidades de acompanhamento. Com a interação entre as duas no diálogo, há uma queda na frequência de processos de *mind-reading* de conteúdo ostensivamente informado pelo narrador, compensada pela sequência de processos de *mind-reading* de uma personagem pela outra, cujos conteúdos permanecem implícitos para o leitor. Nota-se também a diminuição do uso de adjetivos dedicados à tipificação delas, os quais foram usados, nas frases citadas anteriormente, para favorecer a dedução dos estados mentais pelas propriedades atribuídas ao tipo em questão. Um elemento importante nessa sequência é que, com o encadeamento de processos de *mind-reading* em movimento, temos que, nos termos de Kockelman (2012), o fruto de um é raiz do outro. Portanto, a distinção entre implicitação e explicitação é menos severa: há uma mescla entre elas, como se vê nesses exemplos:

Guiomar tinha ido sentar-se; o pezinho *impaciente* batia no tapete, com um *movimento rápido e regular*; cruzara os braços sobre o peito, *fitando a inglesa com uns olhos em que se podia ler a viva exacerbação do espírito*. Seguiu-se *curto silêncio*; Mrs. Oswald puxou outra cadeira e sentou-se perto da moça.

– Por que há de ser injusta comigo? disse ela dando à voz um *tom melífluo e suplicante*; por que não há de ver as coisas, como elas naturalmente são? O que há nisto é uma coincidência curiosa, mas nada mais. Se lhe falei em semelhante coisa algumas vezes, foi porque eu mesma percebi o amor que lhe tem o Sr. Jorge; é coisa que todos veem. Imaginei que o casamento, neste caso, seria agradável à senhora baronesa a quem sou grata. Posso ter feito mal...

– Muito mal, *interrompeu* Guiomar; são coisas de família em que a senhora nada tem que ver (Assis, 2021a, p. 102, grifos nossos).

Essa passagem ainda apresenta o padrão de *mind-reading* preferido do narrador: o pé *impaciente* batia no tapete, e assim o comportamento instancia a atribuição de estado mental cujo conteúdo, no caso, tem sua interpretação facilitada pelo recurso a um gesto tipicamente associado à *impaciência*; não um *mind-reading* explícito, com a indicação ostensiva do aborrecimento. No entanto, o conteúdo do *mind-reading* de Mrs. Oswald sobre Guiomar permanece implícito, enquanto a reação da jovem dá

abertura para um novo *mind-reading* do leitor (sobre a irritação indicada), cujo conteúdo, porém, o texto não controla de maneira diretiva.

Vejamos outra sequência:

A inglesa continuou a falar em defesa própria, a justificar miudamente os bons sentimentos do coração, e a prometer que deixava por mão todo aquele negócio, a seu juízo, o melhor que a moça podia fazer.

– A experiência da vida, concluiu ela, devia ter-me convencido de que o melhor de todos os sentimentos é um egoísmo quieto e calado.

*Enquanto* ela falava assim, *Guiomar parecia volver à tranquilidade habitual. A mudança foi* – não súbita – *mas um pouco mais rápida do que deveria ser, tratando-se de um espírito, como o dela, em que as impressões não eram superficiais nem momentâneas.*

Havia até uns toques de afabilidade no rosto e na voz, quando ela começou a falar, o que *revelaria* talvez ser aquela mudança muito voluntária e meditada.

– Está bom, Mrs. Oswald, o que passou, passou. Sinto que as coisas chegassem a este ponto, e que ele se lembrasse de escrever semelhante carta, confessando uma paixão que acredito sincera, mas a que o meu coração não pode corresponder. Amores não se encomendam como vestidos; sobretudo não se fingem, ou não se devem fingir nunca (Assis, 2021a, p. 103, grifos nossos).

O terceiro parágrafo merece destaque: tem-se no *mind-reading* do narrador em relação a Guiomar não apenas uma indicação ostensiva, mas a explicação de tal reação, pois o narrador se ocupa de mostrar ao leitor que aquela reação, aparentemente obscura, obedecia, na verdade, certa lógica relativa à personalidade da personagem. Em sentido reverso, pode-se postular que o narrador se autoriza uma apresentação inicialmente obscura da reação de Guiomar, porque ele logo se ocupa de racionalizá-la. Na sequência acima, tem-se, pois, como padrão que o narrador se encarrega de explicitar os conteúdos e motivações dos processos de *mind-reading* de Mrs. Oswald e de Guiomar (Assis, 2021b).

Por fim, neste próximo bloco algo muda:

– Gosta muito de mim, não? perguntou Guiomar *fitando os olhos na inglesa*.

– Oh! parece que sim! A senhora deve sabê-lo tanto como eu; eu sei o que tenho visto, e creio que é muito.

– Eu nunca vi nada, *respondeu secamente* Guiomar.

A resposta de Mrs. Oswald foi um *sorriso de incredulidade*, que a outra não viu ou não quis ver. Houve uma pausa; Guiomar continuou nestes termos:

– Mas seja como for, a minha resposta é negativa. Estou que ele não me fará a injúria de querer casar comigo, sem que eu o ame...

*Guiomar parou, como a esperar*, que a outra lhe dissesse alguma coisa. Desta vez *coube a Mrs. Oswald não responder nada*, nem com a voz nem com o gesto. A moça inclinou o corpo, pôs os braços sobre os joelhos, com os dedos cruzados, e entre um riso amável e um olhar afetuosos, continuou (Assis, 2021a, p. 103, grifos nossos).

Aqui temos um *mind-reading* cujo conteúdo permanece implícito, cabendo ao leitor abduzir o motivo da reação no contexto em que ela ocorre. Seja qual for, a interpretação não contará com a informação do narrador sobre os estados mentais causadores das reações em curso, o que representa um contraste com a franca maioria das circunstâncias em que a narração de *A mão e a luva* apela ao *mind-reading* como estratégia de construção da personalidade e do comportamento das personagens – já que predomina a explicação dos conteúdos pelo narrador, e não o estímulo à sua inferência pelo leitor. Isso é reforçado pelo modo de adjetivação de Guiomar, conforme as listas a seguir:

**Guiomar** (21 ocorrências em uma página e meia – Assis, 2021a): *cólera* [gesto]; *fastio* [gesto]; *lástima* [gesto]; *curiosidade* [leitura]; *análise* [leitura]; *reflexão* [leitura]; *fria*; *o sentimento*; *a razão*; *as tendências da alma*; *os cálculos da vida*; *involuntário* [riso interior]; *cruel* [riso interior]; *menos arriscado* [riso interior]; *um pouco mais moles* [ficaram-lhe os olhos]; *quebrados* [ficaram-lhe os olhos]; *lástima* [coração]; *não era doentia* [a imaginação]; *nem romântica* [a imaginação]; *nem piegas* [a imaginação]; *irritada*.

**Guiomar em interação com Mrs. Oswald** (24 ocorrências em três páginas e meia – Assis, 2021a): *impaciente* [pezinho]; *impetuosa* [palavra]; *colérica* [palavra]; *sincera*; *tranquilidade habitual*; *não eram superficiais* [as impressões]; *nem momentâneas* [as impressões]; *toques de afabilidade* [no rosto e na voz]; *amável* [riso]; *afetuoso* [olhar]; *ansiosa*; *com impaciência*; *indecisos* [olhos]; *empanados* [olhos]; *grande tino e sagacidade naturais*; *longo, ruidoso, magoado* [suspiro]; *doloridas*; *lacrimosas*; *secos e firmes* [olhos]; *não havia nele desânimo* [rosto]; *menos ainda desespero* [rosto].

No capítulo em análise, aumenta o número de adjetivações dedicadas a singularizar Guiomar, e não a tipificá-la. Quantitativamente, há um pouco menos de indexação após a entrada de Mrs. Oswald na cena: são duas páginas de diferença, mas apenas três adjetivações a mais. Se comparado a “As curiosidades de Capitu” (Assis, 2021b), esse emprego parece abundante: com pouco menos de duas páginas, o capítulo de *Dom Casmurro* apresenta apenas 16 adjetivos, com repetições. Isso sugere que, comparativamente, em *A mão e a luva* o recurso ao *mind-reading* é secundário para o acesso ao estado mental da personagem: o texto primeiro apresenta sua personalidade quase inteiramente pela a adjetivação, e mesmo com o avanço da narrativa – com Guiomar já bem construída como indivíduo e tipo social, e com vários *mind-reading* transcorridos entre as personagens, de conteúdos não ostensivamente indicados pelo narrador

–, a indexação por adjetivos continua a exercer uma importância central no acesso à mente da personagem.

A isso se soma a preservação de convenções de tipo nos traços particularizantes de Guiomar. Sua tipificação faz-se notar mesmo em instâncias de singularização; aquelas manifestações que parecem inusitadas surgem como uma espécie de confirmação da regra através da exceção. Vejamos alguns trechos:

1) Enquanto ela falava assim, Guiomar parecia volver à tranquilidade habitual: a frase retoma a ideia da “graciosa compostura [de seus modos]”, ao empregar os termos “volver” e “habitual”;

2) “A mudança foi – não súbita – mas um pouco mais rápida do que deveria ser” (Assis, 2021a, p. 30): a frase caracteriza e avalia a mudança segundo um parâmetro convencionalizado, pois, apesar de não ser *súbita*, acontece de forma *mais rápida* do que deveria ter sido, fazendo ecoarem as ideias de “seriedade” e alma “resoluta” de Guiomar;

3) “tratando-se de um espírito, como o dela, em que as impressões não eram superficiais nem momentâneas” (Assis, 2021a, p. 30): reitera-se a ideia de “seriedade” da personagem, mas mais que uma reiteração, tem-se a indicação de que, mesmo numa situação extrema, e mesmo com um deslize de comportamento, ela sempre acaba confirmando suas indexações anteriores.

Passemos a “Um plano”, capítulo de *Dom Casmurro*. Nele Bentinho revela a Capitu o plano de sua mãe, Dona Glória, de mandá-lo ao seminário, para pagar uma promessa feita quando ele nasceu. A moça pede detalhes sobre a descoberta e passa a idealizar um plano que impeça a execução daquele outro. Ela é pega de surpresa e reage com uma intensidade que surpreende Bentinho, e por isso escolhemos esse capítulo para análise: comparado a “A revelação”, de *A mão e a luva*, “Um plano” traz uma cena em que a personagem é confrontada com uma situação não desejada e reage negativamente, de uma maneira que parece surpreendente ao observador da cena. Ambos os capítulos analisados trazem mudanças súbitas de comportamento das personagens, enquanto os narradores tentam entender a racionalidade dessas reações.

Acompanhemos, então, a frequência do recurso ao *mind-reading*. Dividiremos novamente o capítulo em segmentos, mas aqui a alternância

é dinâmica, transitando rapidamente das reações de Bentinho a reações de Capitu para construir uma atmosfera de confabulação sobre o plano de escape da ida ao seminário. Destacaremos alguns segmentos textuais que apresentam *mind-reading* de tipos diferentes: há o *mind-reading* que mantém seus conteúdos implícitos, solicitando a interpretação do leitor, e há aquele cujos conteúdos são explicitados, seja pela outra personagem em cena seja pelo narrador heterodiegético.

No segmento abaixo, os dois tipos estão presentes:

Enfim, [Capitu] tornou a si, *mas tinha a cara lívida, e rompeu nestas palavras furiosas:*

– *Beata! carola! papa-missas!*

Fiquei aturdido. Capitu gostava tanto de minha mãe, e minha mãe dela, que eu não podia *entender* tamanha explosão. É verdade que também gostava de mim, e naturalmente mais, ou melhor, ou de outra maneira, coisa bastante a *explicar* o despeito que lhe trazia a ameaça da separação; mas os impropérios, *como entender* que lhe chamasse nomes tão feios, e principalmente para deprimir costumes religiosos, que eram os seus? Que ela também ia à missa, e três ou quatro vezes minha mãe é que a levou, na nossa velha sege. Também lhe dera um rosário, uma cruz de ouro e um livro de Horas... Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo fosse ouvida dos pais. *Nunca a vi tão irritada como então*; parecia disposta a dizer tudo a todos. Cerrava os dentes, abanava a cabeça... Eu, assustado, não sabia que fizesse, repetia os juramentos, prometia ir naquela mesma noite declarar em casa que, por nada neste mundo, entraria no seminário.

– *Você? Você entra.*

– Não entro.

– *Você verá se entra ou não* (Assis, 2021b, p. 75, grifos nossos).

Começamos pela racionalização, por Bentinho, da reação de Capitu que, tendo conhecido o projeto do seminário, rompeu em um ataque de cólera, inesperadamente se voltando contra o amigo e sua mãe. Verificamos, aí, uma reação sem precedentes, de modo que o rapaz não consegue entender; não bastasse sua confusão de pensamentos, ele ainda recebe a provocação raivosa dela, que insiste na afirmação de que ele acabaria mesmo indo para o seminário – proposição que soa ainda mais inusitada para o narrador, no presente da ação. Este tenta, mas não consegue ler a mente de Capitu, e o texto entrega ao leitor justamente essa tentativa fracassada de interpretação. A tentativa é interrompida e permanece incompleta, e temos assim um processo mental de *mind-reading* fracassado, indicando um estado mental (dela) cuja interpretação permanece obscura para Bentinho, mas que atua, no plano da enunciação

(pelo narrador heterodiegético) como uma incitação à interpretação pelo leitor, que, com isso, suplementará a interpretação com conteúdos que o narrador não soubera articular. Cabe ao leitor, então, tornar explícito, para si, a interpretação adequada do *mind-reading* fracassado de Bentinho.

Essa passagem revela o tipo de risco que, em *Dom Casmurro*, Machado de Assis (2021b) assumiu correr: ao entregar ao leitor o trabalho da interpretação, jamais poderia garantir que, em cada circunstância, encontraria um leitor apto ou interessado em produzir inferências consistentes para a situação dramática construída – assim como o *mind-reading* de Bentinho, o apelo textual à participação do leitor poderia fracassar, em suma. Essa disposição ao risco, isto é, à diminuição do poder de comunicação de um segmento textual, cujo sentido é entregue às capacidades cognitivas do leitor, é bem diferente daquilo que o próprio Machado fizera em *A mão e a luva*: se aqui vemos Bentinho tentando racionalizar a reação de Capitu para entender suas motivações possíveis, fracassando, porém, nessa tentativa e com isso oferecendo ao leitor a oportunidade de ser bem-sucedido onde ele fracassara, em *A mão e a luva*, ao contrário, o narrador oferece inequivocamente a interpretação correta ao leitor.

À guisa de comparação, notemos que, naquele capítulo de *Dom Casmurro*, a variação dos estados mentais de Capitu era, ademais, vertiginosa a ponto de desorientar cada vez mais os processos de *mind-reading* de Bentinho; logo após o trecho analisado acima, lemos que a moça “[c]alou-se outra vez. Quando tornou a falar, tinha mudado; não era ainda a Capitu do costume, mas quase. Estava séria, sem aflição, falava baixo. Quis saber a conversação da minha casa” (Assis, 2021b, p. 75, grifos nossos). Como Bentinho reagiria a essa nova mudança? De maneira previsível, ele vai seguindo o direcionamento que Capitu impõe à conversa, sem entender suas motivações. Em contraste, em “A revelação”, de *A mão e a luva*, o narrador socorre o leitor com a interpretação adequada à compreensão dos estados mentais da protagonista:

*Enquanto ela falava assim, Guiomar parecia volver à tranquilidade habitual. A mudança foi – não súbita – mas um pouco mais rápida do que deveria ser, tratando-se de um espírito, como o dela, em que as impressões não eram superficiais nem momentâneas* (Assis, 2021a, p. 103, grifos nossos).

A partir dessas análises, chegamos ao tópico da mudança súbita de comportamento das personagens. Tanto Guiomar quanto Capitu tentam, de alguma maneira, controlar a cólera, mas em *Dom Casmurro* a descrição



da passagem à cólera não é extensa: notamos sua ocorrência apenas pelo diálogo das personagens e pelos processos de *mind-reading* um do outro, cujos conteúdos permanecem, porém, implícitos para o leitor; em *A mão e a luva*, a transição é ressaltada e explicada pelo narrador, que aproveita a ocasião para reiterar sua tipificação social e psicológica de Guiomar (apenas depois disso é reintroduzida a conversa com Mrs. Oswald).

Passemos a outra sequência do mesmo capítulo de *Dom Casmurro*, quando o narrador comenta:

Como vês, Capitu, aos quatorze anos, tinha já *idéias atrevidas*, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se *hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. Não sei se me explico bem*. Supondo uma concepção grande executada por meios pequenos. Assim, para não sair do desejo vago e hipotético de me mandar para a Europa, Capitu, se pudesse cumpri-lo, não me faria embarcar no paquete e fugir; estenderia uma fila de canoas daqui até lá, por onde eu, parecendo ir à fortaleza da Laje em ponte movediça, iria realmente até Bordéus, deixando minha mãe na praia, à espera. *Tal era a feição particular do caráter da minha amiga*; pelo que, não admira que, combatendo os meus projetos de resistência franca, fosse antes pelos meios brandos, pela ação de empenho, da palavra, da persuasão lenta diuturna, e examinasse antes as pessoas com quem podíamos contar (Assis, 2021b, p. 77, grifos nossos).

Em “As curiosidades de Capitu” (Assis, 2021b), Bentinho descreve a amiga priorizando a caracterização de traços comportamentais – suas “curiosidades” –, cuja explicação não parece clara para o próprio narrador, permanecendo subcodificada no texto e, por isso, apelando à interpretação do leitor para a concretização do seu significado. Agora, no parágrafo acima, vemos a repetição daquele procedimento, aplicado agora a *ideias* de Capitu. A estratégia textual se repete, com o narrador aproveitando o contexto do enredo para discorrer de maneira focada, ainda que velada, sobre a personalidade da personagem. O juízo do narrador pode, assim, parecer confiável, ou mesmo imparcialmente “neutro”, ao ser comunicado como parte do encadeamento lógico de ideias relativas à compreensão do restante da cena.

A repetição do mecanismo transparece nas maneiras adotadas pelos narradores para “incutir conceitos na alma do leitor”. Como já analisado em *A mão e a luva*, a reiteração da tipificação de Guiomar acontece ostensivamente: a adjetivação é intensa, e mesmo situações que provocam reações inusitadas corroboram o que já era sabido. Há maior desconexão entre a situação presente e os estados mentais da personagem, ou seja: ela não interage com ações ou acontecimentos em curso, mas com a

informações recebidas sobre temas alheios à cena; quando há interação entre duas ou mais personagens (em geral, não mais que duas), diminui a explicitação dos estados mentais. Em *Dom Casmurro*, por sua vez, o narrador (“memorialista”) valora, julga, opina sobre as informações relativas a Capitu, e é na cena vivida (conforme “recordada”) – e sob a mediação do enquadramento valorativo, judicativo, opinativo da narração – que se pode apreender a personalidade dela. A falta de uma tipificação que reduza Capitu a um tipo social ou psicológico qualquer impõe, ao leitor, a interpretação abdutiva à maneira de Peirce, isto é, um raciocínio que consiste em uma inferência lógica que se inicia pela percepção de um fato que chama a atenção do leitor e que abre caminhos razoáveis para uma futura inquirição.

Em contraste, em *A mão e luva*, o leitor está mais habilitado a deduzir, do tipo geral, as características da personagem particular, sempre com o apoio do narrador – ao passo que, naquela sequência de *Dom Casmurro*, o máximo que se tem é a projeção insegura, pelo narrador, de impressões sobre Capitu, as quais poderiam enquadrá-la num tipo social qualquer, sem, no entanto, chegar a uma definição precisa do processo interpretativo. Isso é coerente com o propósito alegado para a própria escrita da história, já que o narrador visita seu passado para se convencer, e convencer o leitor, da traição da Capitu: é justamente porque ele não a conhece suficientemente que a investigação sobre sua personalidade se faz necessária.

E essas memórias revelam a preferência por interpretações da jovem Capitu que comportem o veredito da traição pela Capitu adulta; não obstante, em diversas passagens o narrador revela a insuficiência da sua compreensão e a parcialidade na escolha dos casos e situações narradas, motivada pelo esforço de fixar conceitos na memória do leitor. Com isso, ele motiva, ao menos para o leitor atento, a suspeita e leitura a contrapelo dos seus próprios enquadramentos valorativos da história narrada. O mesmo narrador que nos procura convencer (e a si mesmo) da traição de Capitu, mediante o recuo à adolescência das características que explicariam a traição da idade adulta, era desde sempre suspeito de enviesar o enquadramento da informação a seu respeito – o que complexifica o *mind-reading* do leitor, que deve interpretar a mente de Capitu em meio aos objetivos, desejos e ações do narrador que a descreve.

O narrador aos poucos sugere a abdução da interpretação de Capitu como “estrategista” e, portanto, “suspeita” de não o amar – ela se teria

casado com ele por interesse de ascensão social –, noção que, uma vez estabelecida – mesmo que subliminarmente –, permite que a Capitu “traidora” se constitua, ao final do texto, pela reiteração velada daquele conteúdo abduzido. Essa repetição também se dá pela estratégia de fazer de uma situação uma anedota, difundindo os índices da personagem em generalizações baseadas em situações diegéticas concretas – em outras palavras, fazendo da situação uma metonímia da interpretação sugerida para a personagem, que, ao ser apenas aparentemente “apresentada”, e não ostensivamente tratada como interpretação, parece digna de confiança.

O *mind-reading* é, portanto, um mecanismo integrador da estrutura narrativa de *Dom Casmurro*. Dados os vieses interpretativos de Bentinho e do narrador heterodiegético, que, com frequência, expõem – implícita ou explicitamente – valorações, juízos e opiniões sem relação direta com a situação atual, seus processos de *mind-reading* de outras personagens oferecem possibilidades de interpretação não apenas delas, mas dos próprios narradores. Os processos de *mind-reading* muitas vezes produzem atribuições de estados mentais que o leitor pode identificar como equivocadas, sugerindo uma interpretação complexificada dos conteúdos em jogo: para decifrar a mente de uma personagem, o leitor deve interpretar a mente da personagem que a interpretou; tem-se, com isso, o apelo textual a um bem mais complexo processamento cognitivo dos conteúdos semânticos sugeridos.

Em “Um plano”, as adjetivações e a remissão a traços tipificadores e singularizantes envolvem palavras como: *vagas* [pupilas], *surdas* [pupilas], *lívida* [cara], *furiosas* [palavras], *irritada*, *séria*, *equilibrada*, *lúcida*, *aborrecida* [impressão] *atrevidas* [ideias], *hábeis* [ideias], *sinuosas* [ideias], *surdas* [ideias], *lenta* [ferramentas da palavra, da persuasão], *brandos* [meios], *diuturna* [estratégias da palavra, da persuasão]. Assim como em “As curiosidades de Capitu”, privilegia-se não a indexação física da personagem, mas a de alguns dos seus conteúdos mentais – “ideias” aqui, “curiosidades” lá. Capitu é mais ostensivamente tipificada em seus traços de personalidade do que em sua inscrição social (o que também acontece, porém com menos evidência). Note-se, por exemplo, como o adjetivo “surda” é empregado duas vezes para indexar os substantivos “pupilas” e “ideias”, “sinuoso” é usado também para qualificar suas ideias, e “lento” qualifica suas palavras e seu modo de persuasão: adjetivos físicos, corpóreos, são usados para indexar expressões faciais e comportamentos

verbais que, indiretamente, remetem a estados mentais cuja interpretação, afinal, caberá ao leitor.

Sobre a oscilação dos estados emocionais de Capitu, vista a partir dos seus traços físicos, comportamentos e atos de fala, percebe-se que primeiro a moça irrompe numa reação violenta, insultando o amigo e a mãe dele; pouco depois, ela retoma a calma. A mudança não é claramente indicada, nem se recorre a um *mind-reading* explícito que a explique. Enquanto Bentinho continua a confabular infantilmente, Capitu reflete sobre Dona Glória e acrescenta que a promessa de o enviar ao seminário não fora feita com más intenções. Bentinho fica então feliz, e Capitu se deixa descontraír e rir – ou seja, passado o pico da reação negativa, ela retoma o autocontrole. Mas não há indicação explícita dos seus sucessivos estados mentais: por ser uma reação incomum para o rapaz, nota-se primeiro a excepcionalidade da raiva pelas conjecturas que faz, e que motiva o leitor, por sua vez, a interpretar o estado mental de Capitu.

Acompanhamos a reação de Capitu sem o aporte de explicações do narrador, mas sim através do diálogo e dos silêncios da personagem – silêncios altamente significativos, diga-se de passagem: as pausas que ela impõe à conversa correspondem a momentos em que o leitor a testemunha pensando, o que é indicativo da alteração do seu estado mental, mesmo que não se tenha acesso ao conteúdo do pensamento. Novamente um contraste com “A revelação”, de *A mão e a luva*, em que predomina a preocupação do narrador em delimitar logicamente a mudança da irritação para a calma, sinalizando quão atípico é aquele comportamento – e assim reiterando a tipificação de Guiomar, conforme anteriormente construída pelo narrador. Em *Dom Casmurro*, os índices particularizantes de Capitu são ressaltados ou desenvolvidos pela narração e, a cada cena, são desembaraçados ou não: o texto confere à personagem maior volubilidade e variação de ações e reações, adiando a construção definitiva, pelo leitor, da interpretação da personagem – construção que muitas vezes sequer chega a acontecer, dado o caráter “misterioso” frequentemente atribuído à personagem, cuja vida mental permanece largamente opaca, mesmo para o leitor mais atento.

---

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. *A mão e a luva*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2021a[1874].

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2021b[1899]

- CHAGAS, Pedro R. D.; MOREIRA, Anny C. A.; ALMADA, Leonardo F. Complexidade, priming e mind-reading nas “duas fases” de Machado de Assis (num estudo comparativo entre *A mão e a luva* e *Dom Casmurro*). *Scripta*, v. 26, n. 57 pp. 243-277, 2022.
- GALLAGHER, Helen L.; FRITH, Christopher D. Functional Imaging of “Theory of Mind”. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, n. 2, pp. 77-83, 2003.
- KOCKELMAN, Paul. *Agent, Person, Subject, Self: A Theory of Ontology, Interaction and Infrastructure*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- MAYER, John D.; CARUSO, David R.; SALOVEY, Peter. Emotional Intelligence Meets Traditional Standards for an Intelligence. *Intelligence*, v. 27, pp. 267-298, 2000.
- MORIN, Alain; RACY, Famira. Dynamic Self-Process. In: RAUTHMANN, John F. *The Handbook of Personality Dynamics and Processes*. Londres: Elsevier, 2021, pp. 365-386.
- MENTA, Cyril. Reseña de *Agent, Person, Subject, Self: A Theory of Ontology, Interaction and Structure*. *Revista de Antropología y Sociología: Virajes*, v. 24, n. 1, pp. 308-311, 2021. Disponível em: <https://revistasojs.ucaldas.edu.co/index.php/virajes/article/view/6527/5970>. Acesso em: 1 ago. 2022.
- MERTZ, Elizabeth. Review of *Agent, Person, Subject, Self: A Theory of Ontology, Interaction, and Infrastructure*. Foundations of Human Interaction series. *American Anthropologist*, v. 116, n. 3, pp. 682-683, 2014. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24029091>. Acesso em: 1 ago. 2022.
- SALOVEY, Peter; MAYER, John D. Emotional Intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, v. 9, pp. 185-211, 1990.
- ZUNSHINE, Lisa. *Why We Read Fiction: Theory of Mind and the Novel*. Ohio: Ohio State University Press, 2006.

Recebido: 4/10/2023

Aceito: 22/2/2024

Publicado: 7/2/2025